



N
OS

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

VOL. 06, Nº 1 - 1º SEMESTRE - 2021

ISSN 2448-1793

DOSSIÊ IMAGENS
AUTO/BIOGRÁFICAS
NA HISTÓRIA E NA
PRÁTICA ARTÍSTICA



UTOPISTA, EVANGELISTA, COLONIZADOR, HERÓI INDÍGENA: A HISTÓRIA DE VASCO DE QUIROGA

UTOPIST, EVANGELIST, COLONIZER, INDIGENOUS HERO:
THE STORY OF VASCO DE QUIROGA

<https://doi.org/10.5281/zenodo.4818372>

Envio: 16/02/2021 ♦ Aceite: 14/04/2021

Geraldo Witeze Junior



Doutor em História pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em História e mestre em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás em Anápolis e líder do Grupo de Estudos em Teoria Social e Políticas Públicas (GETESPP)

RESUMO:

Este artigo apresenta a biografia de Vasco de Quiroga (1478?-1565), que foi uma figura de destaque no início da colonização do México. A partir de fontes historiográficas, enumera os principais acontecimentos de sua vida, dando destaque para o período em que atuou como ouvidor na Segunda Audiência (1531-1536) e como bispo de Michoacán (1536-1565). Por fim, discute os principais adjetivos que lhe foram atribuídos pela historiografia, refletindo sobre a importância de biografias para a compreensão da história.

PALAVRAS-CHAVE: Vasco de Quiroga; Utopia; Evangelização; Colonização; Povos indígenas.

ABSTRACT:

This paper presents the biography of Vasco de Quiroga (1478? -1565), who was a prominent figure in the beginning of the colonization of Mexico. From historiographical sources, it lists the main events of his life, highlighting the period in which he served as an judge at the Second Court (1531-1536) and as bishop of Michoacán (1536-1565). Finally, it discusses the main adjectives attributed to him by historiography, reflecting on the importance of biographies for the understanding of history.

KEYWORDS: Vasco de Quiroga; Utopia; Evangelization; Colonization; Indigenous peoples.

Uma antiga tradição indígena promove a veneração por um ancião que andou pelas paragens da Nova Espanha durante o século XVI, mais especificamente pela região a oeste da atual cidade do México, hoje como outrora chamada Michoacán. Ali viviam e ainda vivem os Purhépecha, povo que resistiu ao domínio asteca e que controlava aqueles territórios antes da chegada dos europeus. Esse ancião, um espanhol, é lembrado por esse povo como um pai que os defendeu dos desmandos e violências dos demais espanhóis e os ensinou a sobreviver em comunidade naqueles tempos novos, imediatamente posteriores à conquista espanhola do que viria a ser o México. Trata-se de *tata* Vasco, fundador de povoados utópicos em que os Purhépecha podiam garantir a sua sobrevivência e dignidade frente a brutal colonização espanhola.

Do outro lado da conquista esse ancião é conhecido como Vasco de Quiroga, ouvidor da Segunda Audiência da Nova Espanha e primeiro bispo de Michoacán, fundador dos dois povoados de Santa Fé e do Colégio de *San Nicolás*. Em grande medida a historiografia o considera como protetor dos indígenas, merecedor daquela recordação positiva, ainda que tenha pouco destaque se comparado a outros personagens da época que também se dedicaram a defender os nativos, como Bartolomé de Las Casas. Outros, porém, na esteira da crítica da conquista, consideram que Quiroga foi apenas mais uma das muitas engrenagens do processo de colonização.

As posições importantes que ocupou no século XVI e a memória preservada pelos indígenas não impediram que Vasco de Quiroga fosse posto em segundo plano ou mesmo esquecido por grande parte da historiografia americanista. Também entre os estudiosos da utopia ele é pouco explorado, ocupando usualmente não mais que poucos parágrafos ou sendo relegado a uma nota de rodapé. Se é pouco conhecido internacionalmente, no Brasil é um ilustre desconhecido, quase não havendo estudos sobre ele aqui produzidos ou traduções de obras estrangeiras¹. A despeito desse esquecimento, é uma figura-chave para compreender o processo de colonização da América e a recepção da *Utopia* nos primeiros anos que se seguiram à sua publicação.

¹ Não considero que as importantes obras de Carlo Ginzburg (2004) e Tzvetan Todorov (2010), por exemplo, possam ser consideradas estudos sobre Vasco de Quiroga, apesar de o abordarem.

Com relação à conquista e colonização, o estudo sobre Vasco de Quiroga permite compreender melhor a polifonia daquele momento: havia posicionamentos diferentes sobre a legitimidade da conquista, disputas a respeito de como deveria ser exercido o domínio sobre o Novo Mundo, diferentes visões sobre a evangelização dos indígenas. Não se trata de um processo unívoco em que todas as peças das engrenagens faziam a máquina colonial seguir na mesma direção. Algumas vezes, mesmo dentro da máquina, havia grandes embates e posições antagônicas e inconciliáveis. Os religiosos, especificamente, não foram meros instrumentos do processo colonizador.

No campo dos estudos utópicos Quiroga aparece como figura importante porque nos fornece uma interpretação da *Utopia* elaborada menos de vinte anos após a sua publicação. Diferente de outros pensadores ou reformadores daquele período, Quiroga cita a obra de Thomas Morus como fonte inspiradora de seus projetos para a América. Essa primeva recepção pode nos ajudar a compreender melhor o gênero utópico, o utopismo e suas relações com a América – para muitos o lugar da utopia por definição.

O que sabemos então sobre esse personagem? A informação disponível sobre a data de seu nascimento é rara e confusa, mas comumente se diz que nasceu 1470, de acordo com a tradição estabelecida de que morreu em 1565, aos 95 anos de idade. Não há dúvidas quanto ao ano de sua morte, diferente do que acontece com relação à data de nascimento. Seu biógrafo mais confiável, Fintan B. Warren² (1963, p. 8), aponta evidências documentais para questionar o ano de 1470:

²Exceto se indicado, todas as informações biográficas de Vasco de Quiroga, incluindo os documentos citados, foram extraídas da obra de Fintan B. Warren intitulada *Vasco de Quiroga and his Pueblo-Hospitals of Santa Fe* (1963), leitura obrigatória para se conhecer a documentação de onde foram extraídos os dados. Uma obra mais acessível e que também contém uma excelente introdução biográfica é *Vasco de Quiroga: utopía y derecho en la conquista de América*, de Paz Serrano Gassent (2001).

Um breve apostólico, “*Exponi nobis*”, de Paulo III, datado de 12 de maio de 1549, indica que, depois que Quiroga recebeu sua nomeação como bispo, apelou por uma dispensa da obrigação episcopal trienal de visitar Roma sobre o fundamento de que ele estava em seu sexagésimo ano. Mas os touros da nomeação de Quiroga dificilmente poderiam ter chegado ao México antes do verão de 1537, uma vez que o custo para despachá-los foi pago apenas em 2 de março daquele ano. Então, se Quiroga estava em seu sexagésimo ano (ou seja, cinquenta e nove anos) em 1537, teríamos que colocar o ano de seu nascimento pelo menos até 1477, e possivelmente 1478.³

E acrescenta em nota de rodapé: “Existe a possibilidade de Quiroga pretender significar apenas que tinha mais de sessenta anos, mas a redação do escrito, ‘*ac in sexagesimo tuae aetatis anno constitutum existis*’, indica antes uma afirmação exata de idade.”⁴ Nenhum estudioso posterior⁵ parece ter encontrado evidências diferentes, de modo que assumo o ano de 1478 como o correto.

Apesar das dificuldades decorrentes da escassez de documentação, combinando várias fontes⁶ e partindo da informação de que Vasco de Quiroga era tio do cardeal de Toledo, Gaspar de Quiroga, Warren consegue estabelecer com certa precisão o quadro genealógico da família de Quiroga, ainda que não indique quem foi sua mãe, conforme o diagrama abaixo:

³Tradução própria, como em todas as citações em língua estrangeira. O original diz: “*An apostolic brief, ‘Exponi nobis’, of Paul III, dated May 12, 1549, indicates that after Quiroga received his appointment as bishop he appealed for a dispensation from the triennial episcopal obligation of visiting Rome on the ground that he was in his sixtieth year. But the bulls of Quiroga’s appointment could hardly have arrived in Mexico before the summer of 1537, since the cost for dispatching them was paid only on March 2 of that year. If, then, Quiroga was in his sixtieth year (i.e., fifty-nine years old) in 1537, we would have to place the year of his birth at least as late as 1477, and possibly 1478.*”

⁴No original: “*There is a possibility that Quiroga intended to signify merely that he was over sixty years old, but the wording of the brief, ‘ac in sexagesimo tuae aetatis anno constitutum existis’, indicates rather an exact statement of age*”.

⁵Entre os que discutem a questão estão Rafael Aguayo Spencer (1970), Bernardino Verástique (2000), Paz Serrando Gassent (2001) e Fernando Gómez-Herrero (2001).

⁶Felipe de la Gándara, *Nobiliario, armas y triunfos de Galicia, hechos heróicos de sus hijos, y elogios de su nobreza y de la mayor de España y Europa* (Madrid, 1677); Francisca de Quiroga, *Memorial genealógico del claro vetustísimo origen del apellido de Quiroga y su descendencia solariega ilustre* (sem data e local de publicação); *Genealogía del Cardenal Quiroga* (Biblioteca Nacional, Madrid, MS. 3451).

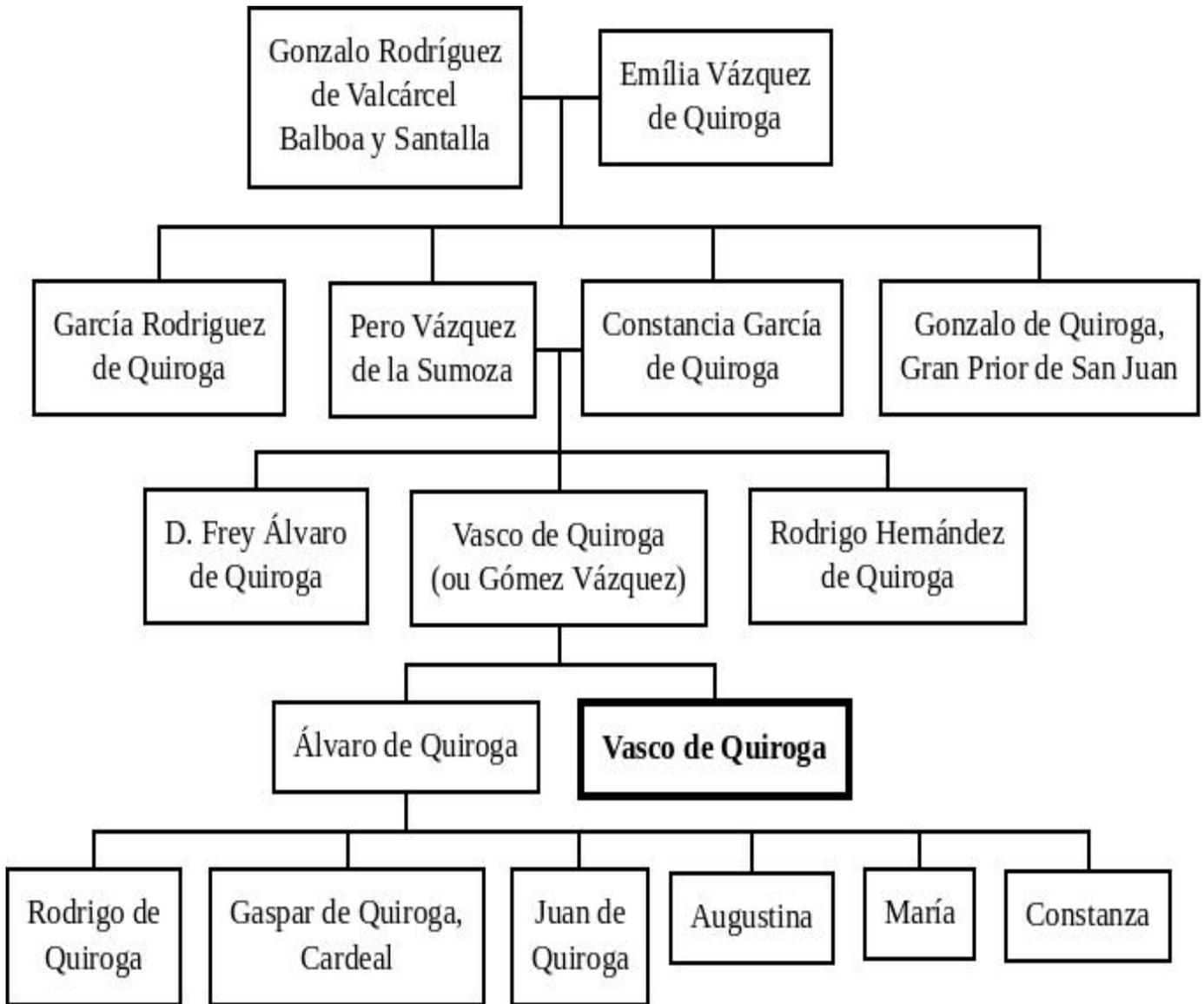


Figura 1: Tabela genealógica da família de Vasco de Quiroga.

Não se sabe onde Vasco de Quiroga realizou seus estudos, apenas que era licenciado em direito canônico, mas não em teologia. A partir de seus escritos é fácil perceber que possuía grande erudição e estava atento às obras recém-publicadas. Na *Información en derecho*, sua obra mais longa, encontramos diversas citações diretas e indiretas da Bíblia, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. Há também citações de diversos pais da igreja, como Santo Atanásio (296-373), São Basílio (330?-379), São João Crisóstomo (347-407), Santo Ambrósio (340-397), Santo Agostinho (354-430) e São Cirilo⁷; de escritores eclesiásticos mais recentes, como o Papa Inocêncio III (1160-1216), João Gerson (1363-1429), o Cardeal Caetano (1469-1534) e Johann Faber (1504-1558); de humanistas, como Sebastian Brant (1457-1521), Erasmo de Roterdã⁸ (1467-1536), Guillaume Budé (1467-1540), Thomas Morus (1478-1535) e Antonio de Guevara (1480-1545); dentre os autores clássicos, Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Virgílio (70 a.C.-19 a.C.), Horácio (65 a.C.-8 a.C.) e Luciano (125-181). Além disso usa diversas autoridades legais e códigos jurídicos.

O princípio de sua carreira também é obscuro. Sabe-se que em 1525 atuou em Oran, no norte da África, como juiz de *residencia*⁹ do corregedor daquela cidade, o Licenciado Alonso Páez de Ribera. Pouco depois, em 1526, foi nomeado representante para fazer um tratado de paz com o rei de Tremecen, um estado mouro na fronteira de Oran. Em sua atuação ali obteve experiência sobre como agir numa região recém-conquistada¹⁰ em que conviviam religiões diferentes e com histórico de conflito, o que seguramente o ajudou quando foi para a Nova Espanha.

⁷Conforme Paz Serrano Gassent (In: QUIROGA, 2002, p. 107, nota 26) não se sabe se as citações são de São Cirilo de Alexandria (375-444) ou de São Cirilo de Jerusalém (315-387).

⁸A citação de Erasmo só foi identificada por Ross Dealy (1975), pois a autoria não foi indicada por Quiroga em seu texto. Outros autores apontaram a influência de Erasmo, contudo sem encontrar vinculações textuais.

⁹A *residencia* era uma espécie de prestação de contas feita pelos governadores, corregedores ou administradores diante de um juiz nomeado especialmente para esse fim.

¹⁰Os espanhóis conquistaram Oran em 1509.

Logo depois retornou à Espanha, onde provavelmente passou algum tempo junto da corte de Carlos V (1500-1558). Na *Información en derecho* (1535), sua obra mais extensa, ele afirma ter discutido com um amigo sobre o *Villano del Danubio*¹¹ enquanto viajavam com a corte de Burgos a Madri. A mudança da corte ocorreu entre 20 de fevereiro e 7 de março de 2015, o que precisa melhor as datas, sem contudo esclarecer o que exatamente ele fazia junto à corte.

Há indicações sobre a amizade entre Quiroga e Juan Bernal Díaz de Luco (1495-1556), figura de certa importância na corte: foi juiz e vigário-geral da diocese de Salamanca e em 1525 passou a servir o cardeal Juan de Tavera (1472-1545), que por sua vez era arcebispo de Santiago de Compostela e logo se tornou cardeal de Toledo, primado da Espanha. Tavera era presidente da chancelaria real de Valladolid e do Conselho Real de Castela, tendo sido o principal conselheiro da imperatriz Isabel (1503-1539) entre os anos de 1529 e 1533, quando o imperador Carlos V estava ausente da Espanha. Ou seja, Bernal Díaz de Luco ocupava uma posição que lhe permitia exercer alguma influência, o que pode explicar porque Vasco de Quiroga foi indicado para a prestigiosa posição de ouvidor da Segunda Audiência da Nova Espanha. Além disso a família Quiroga tinha laços com o próprio cardeal Tavera.

Indo além dessas inferências, há uma carta da imperatriz para Vasco de Quiroga datada de 13 de dezembro de 1529 solicitando a presença dele o mais rápido possível. Em outro documento, uma cédula real de 2 janeiro de 1530, a imperatriz o informa de sua escolha para ocupar o cargo de ouvidor na Nova Espanha e novamente solicita sua presença imediata. A partida estava marcada para o mês de janeiro, mas acabou sendo adiada. As cédulas reais apontando os ouvidores só foram emitidas em 5 de abril do mesmo ano e os ouvidores¹² partiram de Sevilha no dia 25 de agosto. Chegaram em datas diferentes à cidade do México e apenas em 9 de janeiro de 1531 estavam todos presentes.

¹¹ Capítulos XXXI e XXXII do *Libro áureo de Marco Aurelio*, de Antonio de Guevara (1994).

¹² Além de Quiroga foram nomeados ouvidores Alonso Maldonado, Francisco de Ceinos e Juan de Salmerón.

A partir daí passaram a desempenhar suas atividades. A Audiência tinha funções mistas, de governo e exercício da justiça. A principal razão para a criação Segunda Audiência foi a atuação de Nuño de Guzmán (1490-1558), presidente da Primeira Audiência, conhecido por seus desmandos e atrocidades contra os indígenas. Os relatos sobre suas ações chegaram à Espanha e a situação ficou insustentável. Assim, Quiroga e seus companheiros tinham como principal função remediar os males anteriormente cometidos e levavam consigo uma resolução que proibia a escravidão indígena, o que levou a conflitos com os encomendeiros.

Atuando na função de ouvidor Quiroga conheceu de perto os problemas resultantes da conquista e pôde ter contato direto com os indígenas ao ouvir suas queixas. Em 1533, como representante da Audiência, visitou Michoacán pela primeira vez para verificar a situação dos indígenas. Não se sabe muito sobre essa visita, apenas que procurou corrigir alguns problemas e implementar a justiça, diferente do que faziam os demais espanhóis. Além disso buscou evangelizar os indígenas e obteve mais sucesso do que os missionários anteriores.

Logo no seu primeiro ano como ouvidor, Vasco de Quiroga expôs sua proposta de agrupar os indígenas em povoados – em sua *Carta al Consejo*, datada de 13 de agosto de 1531. Em 1532, com a aprovação cautelosa do Conselho das Índias, tendo comprado terras com seus próprios recursos, fundou um povoado próximo à cidade do México para abrigar os indígenas. Em 1533 começou outro povoado na região de Michoacán. A esses dois empreendimentos, chamados *pueblos-hospitales*, dedicou boa parte dos seus esforços e rendas até o fim de sua vida. Pretendia que não fossem comunidades isoladas, mas que se tornassem um modelo de organização social para toda a colônia.

Em 1535, diante de uma nova permissão da coroa para que os indígenas pudessem ser escravizados, elaborou a sua *Información en derecho*, em que se manifestava contra essa decisão. Contestou os argumentos apresentados pelos colonos e procurou mostrar que seria possível harmonizar os interesses de todos sem escravizar os indígenas. Nesse texto ele evoca um parecer anterior, lamentavelmente perdido, em que tinha elaborado sua proposta de colonização. Além da crítica da escravidão aparecem vários assuntos na *Información*, entre os quais a ideia de guerra justa, a

legitimidade da conquista, a evangelização dos indígenas e a organização social e política da Nova Espanha.

Em 1536 foi nomeado como primeiro bispo de Michoacán, mas tomou posse da recém-criada diocese e foi consagrado apenas em 1538. Não pertencia a nenhuma ordem, sendo parte do chamado clero secular. A partir de então se dedicou com mais afinco ao cuidado dos hospitais que fundara, buscando consolidá-los. Criou o *Colegio de San Nicolás*, dedicado à formação de clérigos e à instrução geral tanto de indígenas quanto de espanhóis. Também consolidou uma rede de hospitais em sua diocese, começou a construção de uma catedral, procurou organizar os indígenas e ensinar-lhes ofícios que garantissem a sua sobrevivência no novo mundo que se formava. Claro, dedicou-se à atividade missionária, sem vinculação com nenhuma das ordens mendicantes.

Entre 1548 e 1554 esteve na Espanha, entre outras coisas, para resolver litígios referentes aos povoados. Tratava-se, basicamente, de disputas pelas terras, mas as motivações pareciam ser o descontentamento dos espanhóis, sobretudo os da cidade do México, com o fato de haver obras dedicadas especialmente aos indígenas. Incomodava também o fato de que nos povoados os indígenas vivessem melhor do que muitos dos colonos espanhóis. Durante esses anos na Espanha ocorreram os famosos debates de Valladolid, cujas principais figuras eram Bartolomé de Las Casas (1474-1566) e Juan Ginés de Sepúlveda (1489-1573). Quiroga não foi convidado para os debates, mas interveio compondo um tratado chamado *De debellandis indis* e remetendo-o aos participantes. Esse tratado hoje está perdido, ainda que alguns autores¹³ aleguem tê-lo encontrado, sem que haja, contudo, uma prova definitiva.

Retornou a Michoacán em 1554, retomando seus trabalhos na diocese, cuidando dos hospitais e do colégio, enfrentando ainda alguns litígios. Entre esse período e sua morte, em 14 de março de 1565, redigiu as *Reglas y ordenanzas para el gobierno de los hospitales de Santa Fe de Mexico y Michoacán*. Essas ordenanças são uma adaptação do segundo livro da *Utopia* de Thomas Morus, cuja influência já tinha sido declarada na *Información en derecho*, mas que aqui aparecem de forma direta e explícita. Menos de

¹³ Benno Biermann (1969) e René Acuña (1988).

dois meses antes de morrer, elaborou o seu testamento, em que procurou garantir a continuidade das obras que lhe eram mais caras: os hospitais de Santa Fé e o Colégio de *San Nicolás*.

Tendo apresentado os principais elementos da vida de Vasco de Quiroga, convém proceder a uma breve análise de sua biografia. Considero que o traço mais marcante de sua carreira seja sua vinculação à utopia. Sem dúvida, Quiroga foi um utopista e sua trajetória nos ajuda a precisar melhor o sentido desse termo. Utopista, no caso de Quiroga, significa alguém que leu uma utopia literária e a interpretou como projeto político-social, realizável aqui e agora. Ou seja, não é apenas um literato, mas alguém que busca intensamente a transformação da sociedade e trabalha para que isso aconteça (WITEZE JUNIOR, 2017).

Quando pensamos em utopistas no século XVI, é claro que Thomas Morus nos vem a mente, pois foi o criador do termo “utopia” em sua famosa obra homônima. Claro, a *Utopia* é uma obra literária que ensejou o surgimento de um gênero específico, reconhecido e estudado posteriormente pelos críticos. A partir disso, construiu-se a ideia de que a utopia, nos dois ou três primeiros séculos de sua existência, era apenas um gênero literário marcado por alguns elementos de projeto político e social que, no entanto, não seriam realizáveis no presente. (CURCIO, 2004; FIRPO, 2005; SARGENT, 2005; TROUSSON, 2005).

Assim, até o aparecimento dos célebres Henri de Saint-Simon (1760-1725), Robert Owen (1771-1858) e Charles Fourier (1772-1837) nos séculos XVIII e XIX, que inequivocamente trataram a utopia como projeto político-social, ela teria sido um gênero literário e o utopista, o seu autor. Contudo, Vasco de Quiroga contraria essa tese, pois não apenas interpretou a *Utopia* de Thomas Morus como um projeto, como fundou e organizou povoados utópicos que existiram por mais de três séculos. A vida desse utopista nos leva à necessidade de revisar o significado desses termos na história.

Um aspecto central da utopia quiroguiana é a evangelização. De fato, seus povoados utópicos tinham como objetivo evangelizar os indígenas. Outra vez temos um elemento importante para ser analisado. Como dito acima, Quiroga não pertencia a nenhuma ordem e, portanto, seu projeto evangelizador tinha algumas características

específicas. Ele não falava em catequese, mas em evangelização dos indígenas, provavelmente por influência de Erasmo. Tampouco seguia a lógica dos batismos massivos e do uso da força para converter os nativos, mas defendia a adesão voluntária à fé católica através do que chamou de compêlir através do bom exemplo (WITEZE JUNIOR, 2019).

Quiroga cria que seria bom para os indígenas aderirem ao Cristianismo e isso o levou a tentar proporcionar-lhes uma vida digna em seus hospitais. Esses lugares seriam um espelho da virtude, uma forma de demonstrar as vantagens da vida cristã. Assim como era melhor viver dentro dos povoados utópicos do que fora, a fé cristã seria superior às religiões tradicionais dos nativos.

Ele estava ciente do mau comportamento dos colonos espanhóis, o que criticou profundamente na *Información en derecho*. Por isso, pretendeu mostrar que o verdadeiro Cristianismo não era praticado por aqueles que cometiam as inúmeras violências contra os indígenas, mas sim nos seus hospitais, onde se vivia com simplicidade, sem propriedade privada, com igualdade e dignidade. A vida e os escritos de Quiroga evidenciam que o Catolicismo não era monolítico, mas estava em disputa no alvorecer da modernidade, como bem demonstram os movimentos de renovação espiritual que surgiram naquele período (BATAILLON, 1966).

Essa disputa nos leva a uma questão mais polêmica. A despeito de suas boas intenções, Vasco de Quiroga seria apenas mais uma peça da engrenagem colonial, conforme apontou Fernando Gómez-Herrero (2001)? Ora, a tragédia da colonização e da conquista da América é bem conhecida e Quiroga foi ouvidor e bispo em México e Michoacán, dois postos importantes vinculados à administração espanhola. Portanto, podemos dizer que ele colaborou com esse processo terrível.

Se, por um lado, a afirmação anterior é verdadeira, por outro ela precisa de um contraponto. Hoje nós sabemos o que aconteceu, mas no século XVI o projeto colonial não estava totalmente definido, da mesma forma que o Catolicismo. A história não estava pré-determinada e Quiroga participou do embate, mesmo que tenha sido derrotado ao final, assim como seu consorte mais famoso, o padre Las Casas.

Enfim, reconhecendo a polifonia da colonização, penso que a interpretação de Gómez-Herrero está equivocada porque trata a história como favas contadas, cometendo um grave anacronismo. Quiroga participou do processo de colonização, ocupando postos na administração espanhola, mas isso não significa que concordasse com seus rumos. A evidência documental, lida atentamente, aponta justamente para o contrário. Ele não foi meramente um colonizador, mas alguém que travou duros combates pela história, para evocar a célebre expressão de Lucien Febvre.

Por fim, é importante comentar sobre certa historiografia que celebrou Vasco de Quiroga como um herói indígena, quase um libertador. Um grande exemplo dessa vertente é Rafael Aguayo Spencer, que organizou três edições dos textos de Quiroga (AGUAYO SPENCER, 1940, 1970, 1986), com comentários exaltando o bispo de Michoacán. O grande historiador Silvio Zavala (2007) também fez elogios e elaborou intuitivamente muitas interpretações que foram posteriormente confirmadas pela historiografia. Seu tom é mais comedido que o de Aguayo Spencer, mas não deixa de louvar as virtudes de Quiroga e enaltecer seu projeto utópico.

É natural que hoje, quando se critica tanto a desigualdade, sejam recuperadas vozes do passado que lutaram pela igualdade. Entretanto, não precisamos concordar com esse tipo de historiografia nem fazer coro aos louvores a Quiroga, ainda que possamos simpatizar com seu projeto utópico. Isso seria, também, uma negação da história.

Quiroga foi um europeu que quis salvar os indígenas, tomando parte na colonização. Ainda assim, parece-me que não faz sentido censurar Aguayo Spencer ou Zavala baseados apenas nisso, com a justificativa de que precisamos ouvir a voz dos indígenas. Se ele foi ou não um herói indígena é uma questão menor. O que sabemos, de fato, é que os Purhépecha de Michoacán o celebram como um pai que os resgatou da tragédia da colonização e lhes ofereceu uma oportunidade de se reerguerem, ainda que seu antigo mundo não existisse mais. Era, de certa forma, um passaporte para o mundo moderno, uma viagem sem volta.

A vida de Vasco de Quiroga foi longa, agitada e complexa. Sua trajetória nos permite discutir vários temas, como fiz aqui, de forma introdutória. Ela nos mostra

também como as biografias iluminam os estudos históricos, não porque se trate de destacar as grandes figuras, mas sim porque algumas vidas representam muito bem a sua época. Quiroga nos permite compreender melhor a primeira modernidade, com todas as suas contradições, e isso é algo muito valioso para nós, historiadores, que estamos sempre debruçados sobre o passado e indagando, afinal, como chegamos até aqui.

REFERÊNCIAS

ACUÑA, R. *Vasco de Quiroga*. De debellandis indis, un tratado desconocido. México: UNAM, 1988.

AGUAYO SPENCER, R. *Don Vasco de Quiroga*. Documentos. México, D.F.: Editorial Polis, Biblioteca Mexicana, 1940.

AGUAYO SPENCER, R. *Don Vasco de Quiroga*: Taumaturgo de la organización social seguido de un apéndice documental. México: Ediciones Oasis, 1970.

AGUAYO SPENCER, R. *Don Vasco de Quiroga*. Pensamiento Jurídico. Antología. México: Miguel Ángel Porrúa, 1986.

BATAILLON, M. *Erasmus y España: estudios sobre la historia espiritual del siglo XVI*. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1966.

BIERMANN, B. *Don Vasco de Quiroga y su tratado "De debellandis Indis (II)"*. *Historia Mexicana*, v. 18, n. 4, p. 615–622, 1969.

CURCIO, C. *Formação e caráter da utopia italiana no Renascimento. Morus - Utopia e Renascimento*, v. 1, p. 167–180, 2004.

DEALY, R. *Vasco de Quiroga's thought on war: its erasmian and utopian roots*. Tese de doutorado—Bloomington: Indiana University, 1975.

FIRPO, L. *Para uma definição da "utopia"*. *Morus - Utopia e Renascimento*, v. 2, p. 227–237, 2005.

GINZBURG, C. *Nenhuma ilha é uma ilha: quatro visões da literatura inglesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GÓMEZ-HERRERO, F. *Good Places and Non-places in Colonial Mexico: The Figure of Vasco de Quiroga (1470-1565)*. Lanham, MD: University Press of America, 2001. v. 16

GUEVARA, A. DE. Libro áureo de Marco Aurelio. In: *Obras Completas de Fray Antonio de Guevara*. Madri: Fundación José Antonio de Castro, 1994, v. 1, p. 1–333.

QUIROGA, V. DE. *La utopía en América*. Madri: Dastin, 2002.

SARGENT, L. T. *What is a utopia?* *Morus - Utopia e Renascimento*, v. 2, p. 153–160, 2005.

SERRANO GASSENT, P. *Vasco de Quiroga: utopía y derecho en la conquista de América*. Madrid: Fondo de Cultura Económica de España; Universidad Nacional de Educación a Distancia, 2001.

TODOROV, T. *A conquista da América. A questão do outro*. Tradução: Beatriz Perrone Moysés. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TROUSSON, R. *Utopia e utopismo. Morus - Utopia e Renascimento*, v. 2, p. 123–135, 2005.

VERÁSTIQUE, B. *Michoacán and Eden: Vasco de Quiroga and the evangelization of western Mexico*. Austin, TX: University of Texas Press, 2000.

WARREN, F. B. *Vasco de Quiroga and his pueblo-hospitals of Santa Fe*. Washington, DC: Academy of American Franciscan History, 1963.

WITEZE JUNIOR, G. *Como inspirado del espíritu santo: Vasco de Quiroga, primeiro intérprete americano da utopia*. *Estudos Históricos*, v. 30, n. 62, p. 535–554, dez. 2017.

WITEZE JUNIOR, G. *Esperança e caridade: a proposta evangelizadora de Vasco de Quiroga para os índios da Nova Espanha*. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, n. 26, p. 74–102, 2019.

ZAVALA, S. A. *Recuerdo de Vasco de Quiroga*. México: Editorial Porrúa, 2007.

